



Arte, Televisão e Livros na Sociedade da Cultura Audiovisual: aspectos críticos¹

Marlene FORTUNA²
Pós-Doutoranda com Bolsa FAPESP

Resumo

A cultura audiovisual ganha, cada vez mais espaço, na retórica do mercado. Os avanços tecnológicos, contribuem vertiginosamente para o desenvolvimento, a abrangência e a sofisticação dos Meios. Por admitir a forma dialética de pensar, como mais inteligente do que a forma idealista (romântica, parcial, contemplativa), assim tentamos proceder neste discurso. Os audiovisuais têm hoje, além de muitas, duas faces bem pronunciadas. Primeira: são auxiliares, sem precedentes, da arte, oferecendo instrumentais valiosos na construção de Instalações Contemporâneas e nos experimentos da Música Eletrônica (*Cultura Remix*), tão pesquisada na atual Sociedade Midiática e Globalizada. Segunda: a òresplandescênciaõ de imagens, sons e poéticas digitais, prestam um grande desserviço ao rebanho social, no sentido de anestesiar os sentidos humanos, distanciando o homem da leitura centrada, da reflexão profunda, do hábito de pensar consistente, da motivação permanente para a repertorização da cultura.

Palavras-chave:

audiovisual; televisão; tecnologia; literatura; comunicação

Cultura Audiovisual, Cultura Remix e Tecnologia

É incontestável o reconhecimento da magia, da capacidade de encantar, do poder de provocar fetiches e da empatia da cultura audiovisual. Hoje, a Era da Globalização, pulsante de valores trocados, deflagra a expansão dos Meios: som, imagem e poéticas digitais, de forma vertiginosa, a contar com o desenvolvimento, a abrangência e a sofisticação dos recursos tecnológicos que lhes servem de suporte.

O mundo parece não viver mais sem a filosofia imposta pela comunicação audiovisual: a tecnocracia dos sentidos, cada vez mais repertorizada. Olhos parecem falar diante do que vêem. Ouvidos deliram por estridências que ouvem. Olfatos alucinam entre odores mixados. Não sobra nem para a sutileza do tato, em comunhão com texturas estriadas, delgadas, espessas, e sulcadas. A òloucuraõ ocupa espaço privilegiado na sociedade do agora: das permutas, das estranhezas, dos exotismos, das descartabilidades, da fugacidades e das inversões. A tal ponto, que doidos e alienados são, muitas vezes, os

¹ Trabalho apresentado no GT ó Audiovisual, do Inovcom, evento componente do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

² Marlene Fortuna é Pós-Doutoranda pela UNICAMP/SP, com Bolsa FAPESP, licenciada, atualmente, da Faculdade Cásper Líbero, por conta de exigência da própria entidade outorgadora do fomento. Título da pesquisa de Pós-Doutorado, cuja Supervisora é a Prof^a Dr^a Sara Pereira Lopes - Diretora do Instituto de Artes da UNICAMP/SP: KALLÍOPE - a musa grega da palavra transformada. O texto dramaturgico re-vivido. Livros publicados: A performance da oralidade teatral; A obra de arte além de sua aparência; Dioniso e a comunicação na Hélade - o mito, o rito e a ribalta.



que estão repletos de razão e vão se tornando figuras cada vez mais importantes na galeria do século da insânia.

A explosão dos veículos audiovisuais, a devastar o planeta como um vórtice, convulsiona-o de um encanto fascinante e perturbador, mas não menos enganoso. Entretanto seria uma estupidez, não reconhecer a importância dessas poéticas, incluindo as digitais (protagonistas), não somente no sentido de oferecer deleite ao rebanho social, mas em suas investidas na tentativa de acrescentar mais conhecimento, de forma lúdica, ao acervo cultural da coletividade. O que nos impressiona, é o caminho que a utilização destes Meios tomou e a forma como foram manipulados. O sintoma do processamento de informações, através deles, parece caracterizar um entorpecimento da sociedade que, descentralizada, se perde envolta a movimentos intempestivos de efeitos alegóricos, induzindo-nos a qualificar um lado do universo audiovisual, como os ðengendadores oportunistas de ilusõesö.

Pretendemos sustentar nossas reflexões com uma opção de postura muito mais dialética do que idealista (romântica, parcial, acrítica, contemplativa). Ou seja, há benfeitorias estrondosas advindas da comunicação audiovisual, mas, como tudo tem seu preço, apresentaremos o que os fomentos elétricos e eletrônicos da imagem e do som, além das refinadas navegações *internetizadas*, podem causar de deletério ao Núcleo Social Contemporâneo. Este tal rumo imponderável dos efeitos, deu origem a um estilo cuja nomenclatura deixou de ser um neologismo, passando a ser incorporada pelo senso comum: a *Cultura Remix*. Assim a define Carina Teixeira, teórica da comunicação (USP):

... reinventar: essa é a palavra de ordem. Propondo a reinvenção de um produto, possibilitando a reapropriação e incorporando alternativas, a Cultura Remix, cria uma nova expressão, provocando a imaginação do espectador. Desconstruir linguagens já estabelecidas, criar novas! Os emergentes artistas da Produção Remix, provocam a percepção humana sobre a realidade que a cerca, descortinando novos significados a partir do reprocessamento de sons e imagens, com suas gravações e manipulações. Nessa perspectiva, reinventar é desconstruir linguagens muitas vezes concebidas sob uma visão linear, impregnada de convenções pré-determinadas. A reinvenção, princípio da proposta Remix, provoca rupturas na ordem cultural porque requer do humano uma nova prontidão, exigindo uma busca por dispositivos que acomodem formas alternativas e visões de mundo, cada vez mais modernas, explica Rosana Soares Néspoli, pedagoga, mestre em tecnologia da informação e da comunicação (TEIXEIRA: 2006, 49).

A citação elucida o valor dos audiovisuais, como uma chave alquímica capaz de inspirar a necessidade de experimentação constante por parte dos produtores (e receptores) da televisão, do rádio, do cinema, do computador, da música eletrônica, etc.. A *Cultura Remix*, fruto da interatividade entre sons, imagens e mídias digitais, aponta para a



liberdade de criar, sem que haja, à princípio, a preocupação com o bom ou com o ruim e também sem colocar em jogo o contexto artístico, mas a possibilidade de despertar para leituras edificantes e para a procura de inovadores experimentos estéticos. Neste sentido, pincelamos um olhar crítico, com indagações, sobre o império imagético-sonoro, que tem como um dos milhões de seus tentáculos a *Cultura Remix*: quais e como ficam os critérios de valor das produções? O que é mais e o que é menos reconhecido como grandeza artística, quando a procedência é a maquinaria engenhosa dos audiovisuais? O que é considerado novo e o que é considerado velho neste espaço delirante de prismas cromático-auditivos-digitais? Como os conceitos de originalidade e criatividade devem ser tratados, quando relacionados às expressões audiovisuais?

Parece-nos que os resultados advindos das buscas na contemporaneidade, estão mais na ordem da multiplicidade de testes e treinos que os audiovisuais oferecem, do que na ordem da unicidade de um òproduto fechadoõ digno de ser elevado à dimensão de uma òobra de arte eterna, sagrada e imortalõ. Ou seja, bem distante está, por exemplo, a Música Eletrônica composta pelo *Método Remix*, da primeira Ode Pítica de Píndaro, século VII a. C., Grécia Arcaica.

Cultura Remix e Cultura Audiovisual são irmãs siamesas e respondem ao que está na ordem do dia: o perecível, o volátil, o rapidamente permutável, o imediato, o evanescente, estando enfim, eternamente sujeitos à òdesõ e òreõ construções sucessivas.

Arte e Cultura Audiovisual

Se há um universo que está ganhando com a sofisticação dos meios audiovisuais, é a Arte Contemporânea. Há uma simbiose de matérias, desta natureza, que se oferecem à manufatura de Instalações, de minimalistas à congestionadas. Os artistas que se situam no vórtice das transformações atuais, familiarizam-se com a infinidade de estilos incipientes: as ciberartes, as net arts, as artes das redes, as computacionais, as eletrônicas, as artports, as sky-artes, as ciberinstalações, os ciber cenários, as teleperformances, as artes por satélite, as artes da telepresença, as teleintervenções, as artes trançônicas (arte e biologia: Body Art), as artes robóticas, as artemídias, as artes emergentes das tecnologias interativas, as tecnoartes.

Ganhando elas, ganhamos todos, porque a arte é um dos mais surpreendentes instrumentos de autodescoberta e de autorevelação de que dispomos. Ela vive um movimento constante de transmutações. No atual *corpus social*, o que revitaliza o fazer artístico mantendo-o em um permanente fluir dionisíaco, é o conjunto de surpresas descortinadas pelas mídias audiovisuais. Estas, libertam os artistas de hoje dos grilhões da autocensura. Procuram caminhos para se autoexpressarem, mais e mais de maneiras inéditas. Praticando... praticando..., interagem com o cinetismo e com os ruídos do entorno, tentando atingir, a cada novidade, algum símbolo mais significativo.

Dentre as artes, a música eletrônica é uma das mais pronunciadas cobaias, das experiências modernas:

... com seus sintetizadores (instrumentos musicais criados para produzir sons eletronicamente) e samplers (instrumentos que permitem a conversão de trechos



musicais em sinal digital, gravando, manipulando ou reutilizando fontes sonoras pré-gravadas), os inventores, como, por exemplo, o duo The Chemical Brothers, desafiam os autores dos trechos que eles usam a identificar em que parte de suas músicas aparece o sample, que se mistura com a música fonte.

[...]

*Assim como Marcel Duchamp, que transgrediu o padrão de arte estabelecido e provocou novos efeitos à produção dos sentidos de seus espectadores, o músico, escritor e artista norte-americano Paul Miller, mais conhecido como DJ Spooky, usou a obra do artista francês para ilustrar uma de suas experimentações. O trabalho, que se chama *errata: erratum*, propõe a idéia de que Marcel Duchamp está sendo remixado pelo DJ (idem, ibidem, 99, 103 e 111).*

É mundialmente conhecida, a obra exposta no acervo permanente da galeria digital do Museu de Arte Contemporânea de Los Angeles. Ela não tem título, porque, mais do que o título, o autor quis mostrar o conceito, seu nome é Spooky. Foi buscar na técnica usada pelos disc-jockeys (Djs), de virar discos, inspiração para criar um *Remix* em Flash, usando cenas de *Anemic Cinema*, primeiro filme de Marcel Duchamp, feito em 1926. Nele, Duchamp desenhou linhas e círculos concêntricos e excêntricos. Pois bem, Spooky põe em movimento, esferas rotatórias ou *rotoreliefs* que, ao girarem, provocam uma inversão de sentidos no espectador, de sorte que, este se vê afrontado por uma nova dimensão que parece devorá-lo. A sensação é estranha e de um medo tremendo por estar diante de algo muito maior do que ele. Spooky também usa o título da obra de Duchamp: *Anemic Cinema* escrito em espirais de aço, verticalizadas, que vão formando frases indecifráveis, à medida que os espirais giram em velocidade estupenda, construindo um dos fenômenos visuais mais puros, sensíveis e fascinantes: os chamados filmes estereoscópicos.

Spooky, o Dj americano, considerado referência no uso inovador da técnica *sample*, cria ainda, aproveitando o *comics* como fonte de inspiração, trilhas sonoras que atuam, alegórica ou quixotescamente, em ambientes cuja mídia digital é a interface do sistema.

*... em 2004, Spooky reuniu suas fontes de pesquisa no livro *Rhythm Science*, que foi publicado pela MIT PRESS e apontado como um dos melhores lançamentos do ano pelo periódico *The Guardian* e *Publishers Weekly*. Em 2005, reuniu suas idéias sobre som e multimídia na cultura contemporânea, no livro *Sound Unbound* (idem, ibidem, 157).*

Espalhados pelo mundo, há muitos artistas, criadores de projetos experimentais imersivos. Extraído da remixagem de imagens, o tema e a mídia digital, o artista Eduardo Navas propõe uma releitura de narrativas em videoinstalações. Navas que é também historiador, especializou-se no desenvolvimento de conteúdos e ambientes específicos para novos veículos comunicacionais, Ph.D. em História da Arte, Teoria e



Crítica da Universidade de San Diego, Califórnia, já teve seus trabalhos expostos no Museu de Arte Contemporânea Ateneo de Yucatan (Macay) e no Centro de Diseno, Cine y Television, ambos no México; no Whitney Museum's Artport, em Nova York, entre outros países. O artista idealizou e criou o site Net Art Review.

Estes foram apenas alguns exemplos de discursos imagético-sonoros-verbais, articulados com a irrupção voluptuosa do mercado audiovisual. Pudemos constatar, a quantidade de experimentações desafiadoras e ousadas que as pessoas podem fazer, quando inseridas na recém-inaugurada *Cultura Remix*. São colocadas à prova, práticas de reutilização, apropriação e reciclagem de suportes.

A comunicação visio-fônica atesta, que o ato de reciclar, de inverter paradigmas, de tornar vibrante o que é opaco, cinético o que é inerte, confluyente o que é divergente, são marcas de uma estética constantemente renovadora de si mesma e angariadora de repertórios múltiplos. Frente aos processos de hibridização entre os avanços midiáticos, digitais, eletrônicos e tecnológicos, que sucessivamente reatualizam efeitos pictóricos e auditivos, vai havendo a legitimidade de outras vanguardas, sem começo, meio e fim, como sempre foi, mas com processo, movimento e fluxo.

Imagens, sons, formas, cores, apelos sensoriais, aparecem de forma criativa, simbiotizados, ampliados e trabalhados em todos os níveis, o que vêm a exigir um olhar ôdoutinadoô do observador, diferente do olhar limítrofe e viciado de antes. As perspectivas das poéticas digitais que amalgamam arte e ciência, convidam a um criar participativo, cobrando daquele que recebe a informação, outros sentidos, onde o mutismo do puramente contemplativo não faz mais sentido. O que constrói, interage com o que vê e com o que ouve. Por sua vez, este interage com o que constrói, devolvendo a comunicação codificada, tornando-se ambos: co-partícipes de um mesmo projeto poético.

Estamos na era da interestética: estética que se situa na interface com as mídias digitais e com os Meios de Comunicação de Massa. Uma forma inovadora de pensar a produção audiovisual, nos domínios (ou não) da arte.

É ancestral a necessidade humana de expressão, porém, é preciso acompanhar a evolução dos tempos. Vivemos hoje uma efervescência tecnológica tão rápida, que a ousadia da invenção é mais importante que o próprio conceito de sua utilidade. Não há mais espaço para curtimos idolatrados os resultados, estes foram substituídos por uma apreciação imediata dos invencionismos.

Televisão e Livros no Império do Audiovisual

Até aqui, situamos as perspectivas de um casamento perfeito entre cultura audiovisual e arte, porém, por ser a primeira, a protagonista de nossas reflexões, pontuaremos a face nociva de sua sombra, o que pode induzir a sociedade contemporânea, à pagar altos preços... É o chamado preço do progresso!

O exemplo maior de nossas referências críticas sobre os audiovisuais, será a televisão, um dos meios de comunicação mais globalizado e democratizado hoje.



Às simbioses, hibridismos e sincronidades imagem/som, com ênfase na TV, reúnem-se cores, movimentos, signos pictórico-verbais, estruturas e estilos sensacionalistas, que servem de isca para embotar pensamentos profundos, complexos, de elaboração densa. Na verdade, desejamos manifestar um posicionamento reflexivo para com as questões que envolvem a produção, a recepção e os processos de significação dos instrumentos audiovisuais, confrontando-os com os hábitos de leitura e o centralização do ser. A elaboração mental do leitor frente ao texto escrito, perde lugar para a onipresença sedutora dos modelos midiáticos.

O debruçar-se sobre um bom livro, por mais inconsistente que seja, é incomparável ao poder do prisma cromático-auditivo da televisão, do cinema e da Internet em sua visibilidade mais facilmente captada pelos sentidos. O mergulho fecundo na literatura, seja ela, romanceada, dramática, versada, etc., oferece também uma espécie de encantamento, porém, diferenciado: mais interiorizado, solicitando reflexões, às vezes, ousadas, outras vezes, simplistas, mas quase sempre evitando a digestão pronta e fácil, como as mensagens que chegam ao espectador televisivo ou ao internauta. A paciência para a leitura tradicional escasseou e deu margem à entrada do *voyerismo* pirotécnico dos recursos audiovisuais. Eles impedem a ampla formação do repertório cognitivo e cultural. Quando a imaginação desvanece, e os sonhos passam a ser construídos pelo virtuosismo das imagens e dos sons, os seres humanos sentem-se temporariamente felizes, mas vão se esvaziando... sem perceber. Insistimos em afirmar que não estamos questionando os Meios em si, estamos mais questionando seus fins: o jeitoinho perspicaz, inteligente, hiper-criativo como são manipulados para envolver seu objeto de fascínio.

São distintas as posturas dos receptores da mensagem escrita e da mensagem televisiva. Particulares manifestações de atividade e de passividade diante de cada linguagem. Ler o livro pressupõe um comportamento passivo, portanto, mais forçadamente ativo. O movimento é de outra ordem, é o por dentro, priorizando o poder de compreensão vertical dos conteúdos, de ampliação do senso crítico, da agudeza na interpretação dos significados, o poder de refinamento da sensibilidade, além de, estimular o leitor a um malabarismo eficaz de raciocínio. Estas características são ascendentes e somáticas, vão se desenvolvendo à medida em que se exercita a atividade de leitura. É importante considerarmos ainda, que ela ocorre anti-performaticamente, bem longe da resposta performática que o espectador de televisão devolve à sua programação, quando assiste, por exemplo, à partida de futebol de seu time preferido. Observar uma pessoa estudando em uma biblioteca, é comprovar, nitidamente, o quanto é menor a intensidade de jogo, o exposto, o ato é menos lúdico, as reações são pouco imediatas, as fruções são mais intelectualizadas e jamais encerradas e o reinado da palavra é um eterno *continuum*. Cada leitura pressupõe, sempre, uma releitura; cada releitura pressupõe outra releitura. E vai por aí... Aquele que lê, está peremptoriamente solitário diante da mensagem, podendo, além de primeiro decodificá-la, sacralizá-la depois, des-sacralizá-la e/ou res-sacralizá-la. Mas também são processos de codificação e de sacralização dessemelhantes aos da imagem.

O consumidor do mercado audiovisual (o que vê e ouve), senta-se em frente à televisão para assistir sua novela preferida, e a cobrança se dá em outros registros: identificação com cenas do cotidiano, projeções em heróis, mitos e celebridades, trocas coletivas através de conversas que descartam o individualismo. A organicidade que o ato de assistir TV opera em nós, é ágil, visceral, instantânea, e é fora para fora. A



materialidade intangível televisiva, cinematográfica, radiofônica, internáutica, aciona no fruidor, uma quantidade sem fim de sensações físicas exteriorizadas.

Livros e mídias, despertam as fantasias do apreciador em medida, intensidade e manifestações diferenciadas, dado a um processo de alteração de suporte físico: passagem de sinais e símbolos gráficos assentados em papel (livro) *versus* conglomerado de imagens e sons acelerados e ininterruptos, captados e transmitidos eletronicamente.

Tanto a obra escrita pronta para ser lida, como aquela produzida por sistemas audiovisuais, são desigualmente abertas às apropriações, aos costumes e às inquietações de seus específicos públicos. Defendemos ser, bem provável, que em muitos casos, o núcleo social, está sujeito a sofrer uma fratura motivada pela invasão desses Meios. Eles podem, de maneira singular e bela, proporcionar ao público um cem-número de imagens ficcionais, mas quase todas destituídas de criticidade trabalhada. Emanam também signos deslumbrantes, construídos por diferentes perspectivas tecnológicas, apoiadas em um enfoque evolucionista, no entanto signos frágeis, porque descartáveis, evanescentes, de pura presentidade e imediatismo. Perdem-se de vista os horizontes culturais, se tomarmos por base comparar a demanda das interpretações sobre o texto escrito às inovações das poéticas digitais.

A Sociedade do Espetáculo, prima por uma visibilidade total, que vitima o ser na contemporaneidade de si mesmo. Ele se torna portador de um vazio espiritual trevoso. Na ânsia de preencher o buraco aberto, o homem faz piruetas cheias de vácuo tentando ocupar a imensidão do espaço que se formou. Cabe perguntar, se a crítica que fazemos à Indústria Cultural da qual somos todos vassalos, é conseqüente, no sentido de ter sido ela a premissa mais famosa da revolução do mundo das imagens, dos cenários e das mega-construções digitalizadas.

Parafraseando os depoimentos do intelectual francês Maurice Druon, o livro está duplamente ameaçado. Primeiro pelo tempo que a linguagem audiovisual subtrai da leitura. Segundo, há o caso dos livros de qualidade duvidosa que a TV recomenda. A televisão, o conduto mais competente na promoção de tudo o que é bom e de tudo o que é mal, produz soluções fáceis, espetaculares e ludibriantes. É de se perguntar: que lugar cabe ao livro em um mundo dominado pela imagem? Não cabe. O que cabe talvez, é a possibilidade da democratização do ato de ler, o que antes era prazer apenas de uma sociedade culta, vivendo em circuito fechado. Mas qual é a qualidade dessa leitura democratizada? Que apelos são feitos aos livros na atual sociedade? Eles precisam ser insuflados de elementos de sedução, aliás, próprios da imagem, como formas, cores e luzes incandescentes. Hoje, livros são para ver e não para ler. Ou melhor, só se lê o que se vê, além disso, nessa cultura de transformação, que privilegia o som tanto quanto a imagem, é possível afirmar que as pessoas lêem mais com os ouvidos do que com os olhos. Ou é assim, ou os habitantes do planeta na era da pós-industrialização, serão, mais ainda, cobertos por um manto formado dos fios da renúncia à literatura escrita, a que indicia o humano a ser tocado em profundidade.

O intelectual Maurice Drion, em entrevista para o jornalista Napoleão Sabóia sentenciou:

... o reinado imagético-sonoro impera na sociedade do invólucro massificado. É o responsável por empobrecer a



faculdade criativa das pessoas diante do escrito. O aumento notável das tiragens de livros ilustrados, de obras de grande formato comportando numerosas reproduções fotográficas, desenhos, gravuras e com um textinho do lado é considerável. Não direi que esses livros ilustrados sejam ruins. Pelo contrário, há numerosos deles de excelente qualidade, apenas questiono que já vai bem longe a era da leitura seca de livros profundos, sem a necessidade da presença concessional da imagem (Revista Arte e Intelectualidade: 1999, 87).

Na contracorrente da produção audiovisual, está a leitura do texto escrito, a agonizar. A espetacularização laureada pela cultura eletrônica/digital, gera uma postura enganosamente cinética, ou seja, mais eufórica do que cinética. Diante de metamorfoses iluminadas, nosso pensamento estagna, dando lugar ao êxtase e ao olhar deslumbrado. Ao contrário, o livro mantém a percepção atenta, pronta às avaliações das narrativas lidas, que é bem diferente do deslumbramento. O costume do ler muito, injeta em nós determinados mecanismos saudáveis, como: parar, continuar, voltar atrás, novamente parar, repensar, questionar, sonhar entre páginas...

Na era da tecnologia das imagens, tentar motivar as pessoas para o hábito da leitura é um sacrifício. Portanto, o treino do movimento intelectual foi alterado, criando-se uma espécie de formatação mental voltada para telas, botões e ícones velozes. A massa inclusive, e lamentavelmente, admite que os dedicados à escritura e à leitura, compõem uma casta intangível, integrando uma chamada aristocracia do espírito. Segundo alguns intelectuais, nem tudo está perdido, frente a processos dialéticos:

... neste século, a explosão editorial provocada pelo desenvolvimento tecnológico aumentou consideravelmente o círculo de leitores. A leitura, mesmo sendo a mais leve possível e a mais ilustrada, alcançou a classe média. Porém, no imaginário da massa o livro permaneceu como símbolo, como apanágio, por excelência, da aristocracia do espírito. O fantástico nisso é que, quem faz do livro signo de prestígio e de reconhecimento não são as elites beneficiárias, mas o povo (idem, ibidem, 92).

Críticos mais ortodoxos, postulam uma afirmação complicada. Responsabilizam a televisão e o rádio pela degradação da linguagem. Defendem ser estes meios audiovisuais os principais agentes do mau emprego das palavras, da introdução de termos abomináveis e de erros gramaticais esdrúxulos.

Concordamos com estas afirmações, por nos parecerem coerentes e verossímeis, pois, quaisquer que sejam as inovações tecnológicas em matéria de comunicação, é preciso que a correção da linguagem seja respeitada, caso contrário, equívocos sobre equívocos criarão bolas de neve gigantes, empurrando o rebanho humano a um verdadeiro genocídio cultural.



Não estamos combatendo a cultura audio-visual-digital, tão pouco sugerindo dispensar a televisão, o rádio, o cinema, a Internet? Isto seria demasiado tolo e compreenderia viver em um mundo anacrônico e desprovido de sentido. Estamos, pelo contrário, propondo a soma, solicitando a cobrança do retorno de uma òcultura passadaõ a se juntar a esta. Exemplificando: são tão fortes os apelos imagético-sonoros que òa mãe de todas as musasõ (*mnemósine*, para os gregos) foi esquecida. Ninguém faz mais apelo à memória, tão pouco à aquisição básica de conhecimento, sendo hoje, a criatividade e a espontaneidade os apelos mais fortes.

Como já nos firmamos em páginas anteriores, não há dúvida que os audiovisuais, incrementados por avançadas condições tecnológicas, operam profundas transformações na sociedade universal. Entretanto, não há dúvida também, que essas mesmas conquistas, veias prósperas do progresso, são moral e mentalmente redutoras. Tomamos o exemplo do computador, que é tudo, que reproduz o verdadeiro sentido do existir hoje, em que pese o exagero, porém, nele não há lugar para algo que constitui a base do pensamento humano, desde quando as regras do raciocínio e o exercício da razão foram estabelecidos por Platão e Aristóteles: a dúvida! As ciências não teriam avançado sem a dúvida, que não estabelece nenhum diálogo com esta òtão imprescindível máquinaõ para a qual há apenas o sim e o não.

A imagem, principalmente a televisiva, adequa-se à formação de estereótipos, clichês e simulacros inférteis. Ela se desenvolve no sentido de ser cada vez mais alucinante, fixando no espectador, a caleidoscopia dos carimbos: o bom pai, o pai ruim; a boa cantora, a cantora ruim; o bom ator, o ator ruim; o bom apresentador, o apresentador ruim, o bom jornalismo, o jornalismo ruim, enfim, se não procurarmos manter a consciência alerta e os òfaróis acesosõ o que já é muito difícil ó seremos privados de visões mais extensivas, para além do alcance raso de nossos sentidos, propositalmente entorpecidos no panorama midiático atual. Lamentavelmente continuaremos estacionando apenas onde a vista alcança!

Não resta dúvida, sobre o porque de nossa escolha pela televisão, como o meio audiovisual protagonista de nossas argumentações. Ela é, em nosso entender a responsável maior pela bulimia de imagens que vivemos hoje. Como um produto da indústria de comunicação de massa, a televisão é talvez, o objeto mais significativo de consumo mercadológico.

Por conta de infinitas disponibilidades tecnológicas, recursos televisivos foram ampliados em quantidade e em qualidade. O perigo mora no segundo ponto, porque, as massas tem, pela televisão, uma devoção alienante e alienada, sem o saber, e assim o feitiço se volta contra o feiticeiro. Entregamos horas e horas de nossas vidas a ela, principalmente, ao sensacionalismo abusivo e òalegreõ que nos fornece, tornando-nos assim, reféns e cobaias de algo que apenas nos sugere um prazer estonteante, mas no fundo, acaba por nos fazer consumidores contumazes da Indústria do Entretenimento, dentro da qual, o ato de discernir, acaba ocupando, senão a última, quase a última posição na hierarquia da intelectualidade.

O ser humano apela sempre para o mais fácil. É bem mais agradável, *grosso modo*, viver do fetiche da produção midiática televisiva, do encharcamento de olhares bombardeados por tantos recursos e da vertigem dos sentidos, que o Meio outorga ao espectador, com tanta propriedade! Distração e conforto diante de um programa de



televisão, vencem dificuldade, perseverança e esmero em se processar, solidamente, um artefato cultural mais elaborado.

Giovanni Sartori, em seu livro *Homo videns ó la sociedad teledirigida*, cita Baudrillard, afirmando que a informação televisiva, em lugar de transformar a massa em energia, produz, todavia, mais massa! Ela tende a empobrecer nosso tecido simbólico, nossa capacidade de compreender abstrações, reinterpretar conceitos, estabelecer deduções. Estamos tratando este veículo enquanto um audiovisual como produto da massificação e com ela, provamos que foram muitos os ganhos na agilidade do ver e do ouvir, mas poucos na apreensão de conteúdos semânticos profundos.

Imagens e sons gerados pela TV e pelo computador, atraem mais que palavras, carentes de codificação, às vezes, sutil. Nossa constatação não exclui a teoria de que as imagens são também passíveis de leitura, porém o universo da palavra e o universo da imagem, exigem separados e peculiares vocabulários decodificatórios. A palavra, de acordo com os postulados de Sartori, produz sempre menos comoção que a imagem, ou melhor, uma comoção diferente, e a cultura da imagem rompe o delicado equilíbrio entre paixão e racionalidade. Nossa civilização audiovisual é implacável na retórica do mercado.

Umberto Eco diz que o mundo contemporâneo vive uma verdadeira bulimia de imagens produzidas em massa. Amálio Pinheiro afirma que o século XXI atesta, muito mais do que em séculos anteriores, a absolutização do agora e o antiquário do hoje e Giulio Argan garante que estamos marcados pela neurotização do imaginário e pelo excesso de apelo às sensações. A cultura audiovisual, é causa, efeito e consequência dessas afirmações, além de ter certa responsabilidade na manutenção de uma sociedade de consumo autofágica. Ela é o foco de uma disseminação veloz: a tecnologia da informação.

Afinal, em que ficamos? Mergulharmos em uma efervescência de imagens, sons e miríades de retículas encantadoras, coletivizados, sonhando sonhos vãos, submetendo-nos à obliteração do tino crítico, da percepção, da reflexão centrada, da argumentação sensata, do desejo de filosofar, e vivermos nossa saga õvegetandoõ com olhares cegos? Ou caminharmos, cada vez mais solitários, peregrinando como o último dos pensantes, sem sonhar, mas perseguindo o enxergar dolorido, entretanto lúcido, que perscruta na alma da palavra, a análise, a antítese e a síntese?

Enfim, diante de três princípios expressivos: audiovisuais, arte e livros, considera-se as vantagens que os primeiros oferecem às criações artísticas contemporâneas, mas, considera-se por outro lado, as desvantagens que estes mesmos Meios podem impor à õsociedade dos livrosõ, provocada, insistentemente, pelos contorcionismos ilusórios das mídias. Não podemos deixar de reconhecer a preocupação dos gestores da comunicação audiovisual, para com a demonstração de proposições e experimentos õpilotosõ de inovação. Mas, o que percebemos, é que tais proposições, estão mais direcionadas para o impacto através da forma, do que para as essencialidades do conteúdo.

Arte, televisão e livros, na sociedade midiática contemporânea, carecem de diálogos sem conta: mantém-se cada vez mais ampliado o espectro dos debates, por uma razoável camada de estudiosos e pesquisadores da comunicação.



Bibliografia

ALMEIDA, Cândido J. Mendes & ARAÚJO, M. Elisa. *As perspectivas da televisão brasileira ao vivo*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

BORDERIE, René. *Education à l'ímage et aux médias*. Paris: Nathan, 1997.

BORDIEU, Pierre. *Sur la television*. Paris: Raisons D'agir, 1998.

BOUSSO, Vitoria Daniela (org.). *Mídia-Arte: fomentos e desdobramentos*. II Fórum de Debates do Prêmio Cultural Sérgio Motta. São Paulo: Instituto Sérgio Motta, 2003.

BRETON, Philippe. *La parole manipulée*. Paris: La Découverte, 1997.

_____ *L'utopie de la communication*. Paris: La Découverte, 1998.

CHOMSKY, Noam. *Media Control*. New York: The Open Media. Pamphlet Series, 1997.

DELEUZE, Giles. *Cinema 2 ó l'ímage temps*. Paris: Minuit, 1994.

DOMINGUES, Diana. *A arte do séc. XX. A humanização das tecnologias*. São Paulo: UNESP, 1997.

DONDIS, D. A. *La sintaxis de la imagen. Introducción al alfabeto visual*. Barcelona/Espanha: Gustavo Gili, 1980, 3ª ed.

ECO, Umberto. *Obra Aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1988, trad. Giovanni Cutolo.

FILE, Festival Internacional de Linguagem Eletrônica. *Internet Art. Cultura Digital*. São Paulo: Paço das Artes e Imprensa Oficial do Estado, 2002.

GARDNER, James. *Cultura ou Lixo? Uma visão contemplativa da Arte Contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, trad. Fausto Wolff.

GOMBRICH, E. H. *A história da arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, 4ª ed., trad. Álvaro Cabral.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola, 1994, 4ª ed., trad. Adail Ubirajara Sobral & Maria Stela Gonçalves.



HUYGHE, René. *O poder da imagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1986, trad. Helena Leonor Santos.

LOCHARD, Guy. *Apprendre avec l'information télévisée*. Paris: Retz, 1989.

PEDROSA, Mário. *Mundo, homem, arte em crise*. São Paulo: Perspectiva, Debates, Arte, 1986, 2ª ed.

REIMÃO, Sandra. *Livros e Televisão é correlações*. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2004.

SANTAELLA, Lúcia. *Cultura das Mídias*. São Paulo: Razão Social, 1992.

SARTORI, Giovanni. *Homo Videns é la sociedad teledirigida*. Buenos Aires/Argentina: Taurus, 1998.